

Um

À espera

Alice esperava por Paul no cais das barcas. Ele havia deixado uma mensagem cheia de chiados na secretária eletrônica dizendo que estaria chegando na barca da tarde. Era típico dele. Paul era incapaz de dizer “a barca das 13h20” ou “15h55”. Ela passou um tempo enorme contemplando os horários das barcas, tentando adivinhar-lhe a intenção.

Com uma certa raiva de si mesma, Alice entrou no cais para esperar a barca das 13h20, sabendo que ele não estaria nela. Fitava vagamente os rostos que emergiam da barca, convencendo-se de que não tinha nenhuma expectativa. Ela se sentou num banco próximo com os pés descalços, um livro sobre seus joelhos para que não tivesse que interagir com ninguém. *Sei que você não estará nesta barca, então não pense que eu penso que você está*, ela disse ao Paul que vivia em sua mente. Mesmo ali, sob seu suposto controle, ele era irônico e imprevisível.

Para a barca das 15h55, pôs brilho nos lábios e escovou os cabelos. A barca seguinte não chegaria antes das 18h10, e embora Paul pudesse ter perdido a tal barca da tarde, não poderia dizer que 18h10 era de tarde.

Com que frequência ela tentava processar em sua mente os pensamentos dele. Levava suas opiniões a sério demais; lembrava-se delas muito depois que, suspeitava, ele mesmo as tinha esquecido.

Uma coisa era tentar desvendar-lhe os pensamentos quando ele estava por perto, suas palavras oferecendo pistas, correções e confirmações a cada hora. Mas três anos de silêncio provocavam complexas interações. Tornavam tudo mais difícil, e, ao mesmo tempo, tornavam tudo mais fácil. Sentia-se mais livre com os pensamentos dele. Ela os tornava seus próprios pensamentos, moldava-os segundo seu gosto.

Paul tinha perdido dois verões. Alice não conseguia compreender como ele pôde fazer isso. Sem ele, foram estações obscuras. Os sentimentos eram raquíticos, estavam lá e logo desapareciam. Memórias não se formavam. Não havia nada de novo em estar sentada neste cais, neste ou naquele banco de madeira, aguardando sua chegada na barca. De certa forma, ela estava sempre esperando por ele.

Alice não conseguia imaginar o rosto de Paul quando ele estava longe. A cada verão ele retornava com aquele mesmo rosto que ela não conseguia lembrar.

Distraidamente, ela observava as pessoas que chegavam e partiam no cais, e esperava. Acenava para aqueles que conhecia, em geral amigos de seus pais. Sentia o vento soprar o sol pungente de seus ombros. Devagar, ela enterrou a unha do polegar numa tábua do banco, tentando arrancar uma lasca, mas, em vez disso, fazendo brotar mofo e decomposição.

Quando se tratava de esperar, Riley sempre tinha outra coisa para fazer. Paul era o melhor amigo de Riley. Alice sabia que Riley também sentia falta dele, mas ela dizia que não gostava de esperar. Alice não gostava. Ninguém gostava. Mas Alice era a irmã mais nova. Ela não sabia deixar de fazer algo apenas por não gostar de fazê-lo.

Ela procurava pela barca, pela forma como aparecia, como um pequeno triângulo branco do outro lado da baía. Quando não estava ali, Alice sequer podia imaginá-la. Não chegava nunca. E então, ela surgia. Tomava forma rapidamente. Parecia estar sempre chegando.

Ela se pôs de pé. Não podia se conter. Deixou seu livro no banco com a capa aberta tremulando ao vento. Ele era aquela pessoa? Estaria naquela barca?

Ela soltou os cabelos do elástico. Puxou sua regata por sobre os quadris. Queria que ele a visse por inteiro, e também que não visse nada dela. Queria que ficasse deslumbrado pelos detalhes e ofuscado pelo

todo. Queria que ele a visse completamente, e não aos pedaços. Tinha esperanças difíceis de satisfazer.

Suas pernas balançavam, os braços comprimiam sua cintura. Ela viu a aproximação da mulher de meia-idade num sarongue cor-de-rosa que dava aulas de ioga para sua mãe.

— Por quem você está esperando, Alice?

Vulnerável como ela se sentia, a pergunta afável atingiu-a como uma crueldade.

— Ninguém — mentiu Alice desajeitadamente. O rosto bronzeado da mulher lhe era tão familiar quanto o sofá de vime na varanda telada, mas isso não significava que Alice sabia seu nome. Ela sabia que o nome do poodle da mulher era Albert e que sua aula de ioga era carregada nos mantras. Num lugar como este, quando criança ninguém tinha o dever de saber os nomes dos adultos, embora os adultos sempre soubessem os nomes das crianças. Se você era criança, as relações aqui começavam de forma assimétrica, e raramente ocorria uma oportunidade específica para reavaliação. Aqui a mesma relação de idade entre as pessoas perdurava, independentemente do quão crescidas estivessem.

A mulher olhou para os pés de Alice, que disseram a verdade. Se você fosse pegar a barca das 15h55, estaria usando sapatos.

Alice deslocou-se acanhadamente para a área de cargas, como se tivesse algum objetivo ali. Ela não mentia com facilidade, e fazê-lo agora provocaria uma indesejada intimidade. Preferia guardar suas mentiras para as pessoas cujos nomes sabia.

Não conseguia olhar para a barca. Sentou-se novamente no banco, cruzando os braços e as pernas e baixando a cabeça.

Era uma pequena vila numa pequena ilha, com regras e costumes totalmente próprios. “Nem chaves, nem carteira, nem sapatos” era o ditado que expressava o modo de vida do verão. Não havia carros e — ao menos nos velhos tempos — ninguém trancava as casas. O único estabelecimento comercial era o mercado de Waterby, em geral vendendo doces e sorvetes de casquinha, onde seu nome era seu crédito e não aceitavam dinheiro. Sapatos significavam que você estava chegando, partindo ou jogando tênis. Até mesmo no iate clube. Até nas festas. Havia um orgulho de comunidade em ter pés endurecidos o bastante para suportar as farpas das tábuas dos calçamentos. Não que as farpas

não entrassem nos pés — sempre entravam. Só não se comentava a respeito. Toda criança sabia disso. No fim de cada verão, a sola e os lados dos pés de Alice estavam pontilhados de preto, com velhas farpas. Por fim elas desapareciam; ela nunca soube exatamente para onde iam. “São reabsorvidas”, um versado menino de 7 anos chamado Sawyer Boyd lhe disse uma vez.

Os assuntos de todos passavam pelo cais das barcas, com ritmos e hierarquias diferentes de outros lugares. Podia-se ver as pessoas enquanto chegavam e partiam e esperavam. Também se viam suas coisas empilhadas no cais, até que elas as carregavam em seus carrinhos e empurravam para casa. Sabia-se qual marca de papel higiênico elas compravam. Alice ainda considerava o papel de folha dupla um luxo mais sutil e revelador do que a bolsa ou os sapatos de alguém. Sabia que as pessoas com as sacolas e os caixotes da Fairway se instalariam em Waterby ou Saltaire. Quem se instalava na vila de Kismet sempre encomendava cerveja.

Carros proporcionavam privacidade. Sem eles, vive-se uma maior parte da vida abertamente. Aonde vai, com quem vai. Por quem estava esperando no cais das barcas. Para quem escovou os cabelos. Aqui ficava exposto, embora também seguro.

A falta de carros no lugar sempre atraiu certos tipos utópicos, mesmo os superficiais. “Livre-se dos carros e você se livrará do aquecimento global, das guerras por petróleo no Oriente Médio, obesidade, e também da maioria dos crimes”, o pai dela gostava de dizer.

A barca dava ênfase extra às chegadas e partidas. Adultos iam e vinham o tempo todo, mas em muitos verões Alice e Riley chegaram e partiram uma só vez. Chegavam com suas peles pálidas, seus cortes de cabelo destinados a durar por toda a estação, seus pés macios, e sua timidez. Partiam com pele tostada, sardenta, mordida; cabelos emaranhados; solas dos pés grossas como pneus; e intimidade beirando a rudeza.

Ela se lembrava dos olás, e se lembrava ainda mais das despedidas. A tradição do fim do verão ditava que os últimos que ficavam na ilha saudavam os amigos que partiam saltando na água, enquanto a barca do adeus se afastava.

Agora Alice ouvia a barca rilhando às suas costas. Descruzou os braços e pressionou as mãos contra a madeira. Ouvia os tapas da água

agitada contra os pilares, à medida que a barca se aproximava. Soltou uma perna e bateu o calcanhar liberto contra a tábua diante de si.

Ela teria preferido chegar em vez de esperar. Preferiria ter partido a ter sido deixada, mas esta nunca era a forma como acontecia. Por alguma razão, era sempre Alice quem esperava, e Alice quem mergulhava.

A barca era como uma cápsula do tempo, de certo modo. Uma cápsula espacial. Enviava você e seus colegas mochileiros através de uma ponte espaço-tempo, sempre a mesma todas as vezes.

Paul estava de pé no convés superior sob o vento úmido, enquanto as monstruosas casas costeiras do litoral sul de Long Island eram substituídas pela escura água salgada.

A sensação espessa do ar começava quando se adentrava a barca. Viscosidade sobre cada superfície. Os cabelos dele se agitaram, e ele recordou Alice revirando a mochila em busca de um elástico. Podia imaginá-la segurando diversas coisas em sua boca enquanto trançava os cabelos. Na época, ele tinha cabelos curtos e, embora admirasse a habilidade dela em fazer tranças no vento — que menino não era fascinado por uma trança? —, achava que era desnecessário. Agora tinha cabelos longos.

A primeira vista era o obelisco Robert Moses, e a segunda, o franzino farol. Bem, ele não era realmente franzino. Na verdade, esse farol fixou o padrão pelo qual Paul julgava todos os outros, e todos os outros pareciam pesados e atarracados em comparação. As pessoas amam o que lhes é conhecido. Não se pode evitar. Ele não podia, embora realmente tentasse.

Ela estaria lá. Se ela ainda era Alice, estaria lá. Se Riley ainda era Riley, não estaria. Ele telefonou, ou seja, se Alice não viesse, isso significaria algo. Se ela viesse, também significaria algo. De certa forma, ele preferiria não ter telefonado. A velha expectativa o inquietava, mas depois de todo este tempo, não podia simplesmente chegar escondido de Alice.

Podia pensar na hipótese de que ela não tinha verificado as mensagens, mas sabia que Alice checava mensagens compulsivamente. Como se estivesse sempre esperando por algo bom e algo ruim.

Agora emergia a costa da ilha, mais doce, mais antiga, expelida pela baía a tempo para sua chegada. Ele discerniu o braço amplo e retorcido do cais. Viu as silhuetas nele. Sabia que Riley seria a mesma. Pelas cartas que ela lhe escrevera, percebeu que ela teria a mesma aparência e soaria da mesma forma. Mas a idéia de uma Alice de vinte e um anos o assustava.

Os pais delas estariam lá? Seria capaz de enfrentar todos de uma vez, neste estreito rasgo de terra fincado aqui, entre o oceano e a baía?

Agora as formas das casas cresciam e se definiam, e os rostos no cais se voltavam em expectativa para a barca — a princípio, uma aglomeração de círculos sem feições. Ele se arrancou do banco, esticou as pernas. Sentia o suor gelado de seus dedos enroscados em torno das alças de sua mochila de lona.

Sem exatamente dar-se o sinal de partida, ele começou a perscrutar os rostos. Os mais velhos eram os mais familiares. O espertalhão do tênis de duplas, que penteava o resto de cabelo por sobre a careca — qual era mesmo o nome dele? O sujeito com os ombros tortos que fazia manutenção dos caminhões dos bombeiros, a senhora bronzeada com o cachorro embaixo do braço. O profissional do clube de golfe, Don Rontano, com a alvíssima camisa pólo, gola virada para o alto, que se dava tão bem com as damas solitárias. As crianças eram impossíveis de identificar, e ele temia examinar os corpos que não eram nem muito jovens nem muito velhos. Será que os cabelos dela ficaram assim tão escuros? Sua silhueta poderia ter se transformado naquela ali?

Não e não, obviamente. A esta distância, aproximando-se nesta velocidade, uma pessoa era identificada pela postura, por certas características inexprimíveis, e aquelas não eram e nem poderiam ser as características dela. Talvez ela não tivesse vindo. Talvez nem sequer estivesse na ilha. Mas o que poderia fazer Alice não vir?

Havia uma outra figura — parecia uma garota — meio curvada no banco, sentada sobre um dos pés. Mas ela estava de costas para ele e, diferente dos outros, não voltava o rosto para a barca.

Ele contemplou o pequeno vulto novamente, incomodado pela atividade espasmódica de seus próprios olhos. E se ela estivesse diferente agora? E se ele não conseguisse conservar a velha idéia que tinha dela?

Enquanto a barca circundava o arco do cais, a garota se pôs de pé. Seus cabelos dançavam em torno do rosto. Talvez esta fosse a razão pela

qual ele continuava a imaginá-la como uma estranha, mesmo depois que se aproximou o suficiente para vê-la.

Por alguns momentos tão convulsivos quanto plácidos, ele a observou cuidadosamente, percebendo a agitação no velho corredor ainda fechado. Sentiu os neurônios disparando nas partes de seu cérebro responsáveis pela percepção do presente, mas também na parte devotada à memória.

Talvez essa fosse a razão pela qual uma estranha superposição estivesse ocorrendo ali mesmo, quando ele a reconheceu e, ao mesmo tempo, não a reconheceu. Idéias e sentimentos o invadiram, os quais ele talvez tivesse preferido manter à distância.

— Olá — Paul disse a ela.

Ela o abraçou, apoiando o queixo em seu ombro e voltando o rosto para o farol. Não era o tipo de coisa que costumavam fazer. Não era exatamente intimidade o que provocava aquilo, mas a necessidade de não continuar olhando para ele.

Na verdade, ela não podia sentir nada dele, ou focar os olhos com exatidão. Seu corpo estava adormecido e seus olhos a confundiam. Num momento de lucidez, ela temeu que ele sentisse seu coração ribombando, e se afastou.

Ela baixou a cabeça e gesticulou para a bagagem.

— Isso é tudo? — perguntou à mochila.

— Isso é tudo. — Ele soava quase arrependido. Alice queria verificar o rosto dele, mas ele a fitava e, portanto, ela desistiu.

Qual era o problema com ela? Era só o Paul! O velho Paul de sempre. Mas também não era. Ele era o mais estranho dos estranhos e também seu amigo mais antigo.

— Está pesada? — Ela se ouviu dizer.

— Não. Está bem — disse ele, e ela pensou ter ouvido uma semente de riso em sua voz. Ele riria dela? Paul costumava fazer isso. Ele provocava e ria dela sem piedade. Mas se ele fizesse isso agora, ela morreria.

Alice tivera a intenção de esfriar em relação a ele desta vez. Por ele ter ficado longe durante tanto tempo, e por esquecê-la. *Você me esque-*

ceu? Ela era ótima em ficar com raiva quando ele estava longe, mas, em sua presença, jamais conseguia.

Ela começou a andar e ele a seguiu. A Sra. McKay estava des-trancando seu carrinho e Connie, o velho instrutor de natação deles, estava no canto da pesca. Se ela levantasse a cabeça, veria outros. Todos conheciam Paul. Será que o reconheceriam com este cabelo comprido e emaranhado, e o rosto irascível?

Todas as coisas que ela planejava sentir, o que pretendia demonstrar e aparentar, as coisas apropriadas que ela tencionava dizer. Nenhuma delas se concretizou.

— Vamos procurar Riley — Paul disse às suas costas, e seu coração exultou de alívio. Era o que podiam fazer. Isso traria sentido para tudo.

Alice ofereceu a ele a bicicleta de sua mãe, e montou na sua própria. Ele instalou a mochila de lona na cesta e manobrou no estreito tabual à frente dela com a graça de um verdadeiro ilhéu. Paul costumava levar três bicicletas ao mesmo tempo. Podia andar apenas sobre a roda traseira sem as mãos. Ele tinha sido um herói da bicicleta para ela.

Rumaram direto à praia oceânica. Ele tirou os sapatos e se desfez das meias quase sem se agachar. Parou na escada do topo da duna, sorvendo a vista, e ela se demorou alguns metros atrás, maravilhada por ver que tipo de praia havia hoje.

Quando crianças, eles tinham dúzias de nomes para a praia, como os esquimós batizam a neve, e estavam sempre encontrando razão para criar mais. Areia branca, plácida, e água turquesa e reluzente caracterizavam uma praia Tortola, mesmo nome de uma ilha caribenha para onde Paul fora arrastado com a mãe. Eles desdenhavam de uma praia assim. A praia Riley, também conhecida como Praia da Luta, era quando os pequeninos grãos de areia açoitavam a pele, e as ondas arrastavam e golpeavam. E a praia Alice era muito rara, e envolvia piscinas e bancos de areia.

Hoje Alice queria o tipo de praia que ele costumava querer, a praia Paul, a areia crepitante da maré baixa, um agudo declive para a água, e uma frente de ondas verdes e possantes. Como era familiar para Alice, querer para Paul os desejos dele. Essa parte não havia mudado.

Certa vez, Paul lhe disse que a praia era como ele porque mudava todos os dias, embora jamais fizesse qualquer progresso. Mais tarde ela pensou que alguém normal começaria dizendo que era como a praia.

Alice prendeu os cabelos para trás, reconhecendo que esta praia era mais uma que exigia um nome. Uma praia Nervosa. Uma praia Rangente. A areia era macia e gradual, mas a água, selvagem; as ondas chegavam num corte diagonal. Ela já estava se decidindo a não nadar quando Paul arremeteu pelos degraus decrépitos. Alice olhou para o leste, na direção da cadeira de salva-vidas na qual Riley estava sentada, e a bandeira vermelha de “proibido nadar” que ajeitava acima dela.

Paul não desviou os passos na direção de Riley, mas correu direto para a água. Alice observou em pasma surpresa quando ele entrou no mar totalmente vestido. Mergulhou numa parede verde-oliva. Alice esperou ansiosamente que a cabeça dele emergisse da colérica espuma que se batia por todo lado. Ela olhou para sua irmã, que agora estava de pé na cadeira, o pescoço para a frente em sua pose de alerta de salva-vidas, mãos nos quadris.

A cabeça de Paul finalmente apareceu quase 20 metros mar adentro. Ele estava além da arrebentação, mas ainda assim oscilando e lutando.

Alice pôde ver Riley falando com outro guarda que estava de pé junto ao posto. Ela soprou seu apito duas vezes.

— Saia da água! — berrou, apontando para a bandeira vermelha.
— Babaca — murmurou.

De longe, Paul ergueu o braço e acenou para ela.

Alice pôde distinguir o momento em que Riley percebeu quem era. Ela resfolegou alto o bastante para que Alice escutasse. Riley olhou para trás por sobre o ombro e viu a irmã.

A pose de Riley relaxou. O apito tornou a pender. Ela deu de ombros e Alice sorriu. Riley gritou para ser ouvida acima do sopro fresco do vento.

— Acho que Paul está de volta.

— Pode deixá-lo por lá — disse Riley a seu guarda assistente. — Ele vai ficar bem.

Sentou-se novamente em sua cadeira e observou a cabeça flutuante de Paul. Ela não entraria na água para buscá-lo. Ele que se afogasse. Ele nunca se afogaria.

Paul atravessara cada fase do treinamento para salva-vidas junto com ela, determinado a superá-la em cada etapa. Embora nunca confessasse, Riley lhe era grata por tê-la tornado mais firme. Ela não apenas tinha de passar pelos desafios, precisava tentar derrotar Paul. E então, no dia da verdadeira prova — àquela altura, uma simples formalidade, a volta da vitória para os dois —, Paul não apareceu. Quando ela o viu mais tarde no cais das barcas, ele simplesmente deu de ombros. Era o ápice da vida dela, e ele agia como se a coisa lhe tivesse fugido à lembrança.

Mas em seu primeiro dia de trabalho na cadeira de salva-vidas, enquanto ela quase explodia de orgulho em seu maiô vermelho oficial, Paul apareceu novamente. Riley não percebeu que a figura de cabelos negros debatendo-se além da arrebentação era Paul. Ela saltou da cadeira com toda a agilidade, soprando seu apito, agarrando seu equipamento, gritando ordens, seu sangue disparando com o dever.

Quando Riley atingiu as águas profundas e viu quem era, quis afofá-lo de verdade. Xingou-o de filho-da-puta e começou a nadar de volta à praia, as bochechas latejando, rubras de fúria. Então ela viu a aglomeração de cidadãos preocupados na areia e o chefe da guarda apoplético pela idéia de que ela estava abandonando a vítima. E Paul lá, continuando seu teatro. O que podia fazer? Ela voltou e salvou o sacana. Quando o arrastou em direção à praia, deu-lhe um feroz beliscão na nuca. Foi a única vez em que ele se contorceu genuinamente.

Quando eram crianças, Riley e Paul eram como um só. Ela o compreendia sem qualquer esforço. Às vezes brigavam. Na terceira série, ela o chutou até jogá-lo no chão. Na quinta série, ele a empurrou contra um batente de porta, e ela precisou levar seis pontos no supercílio. Depois daquilo, nunca mais brigaram fisicamente, embora ela realmente tentasse provocá-lo. A cicatriz foi o que o fez parar, pensava Riley. Ela gostava daquela cicatriz.

Após o primeiro grau, ele começou a complicar tudo. Às vezes ficava quieto e ensimesmado por nenhuma razão que ela pudesse determinar. Riley sempre pensou que ele teria sido mais feliz se tivesse feito a prova para salva-vidas. Era sua verdadeira opinião. Mais tarde, ele se afiliou a estranhos grupos políticos e tentou organizar os colhedores de frutas centro-americanos, que eram espertos demais para ouvir qualquer das baboseiras que ele estava tentando passar à frente.

— Cheguei com todas as minhas idéias políticas, mas a pobreza e a tristeza por aqui as anulam um pouco — escreveu-lhe Paul de uma fazenda próxima a Bakersville. — Ontem à noite, alguém roubou a carteira das minhas calças enquanto eu dormia. Estou me sentindo ridículo.

Ela não comentou. “Você deveria ter sido salva-vidas”, escreveu-lhe em resposta.

E ainda assim, Riley o adorava. Portanto, odiava as decepções dele, mesmo que discordasse das coisas que ele queria.

— Você pode assumir o turno? — Riley perguntou a Adam Pryce. Ele era seu assistente, e seis anos mais novo que ela.

Ele concordou e ela saltou da cadeira. Com um velho sentimento de alegria, ela caminhou para as ondas e mergulhou num oceano no qual nenhuma pessoa sã nadaria. Riley chegou em Paul com algumas braçadas vigorosas.

E ali flutuaram juntos, driblando a contracorrente, provocando as ondas enquanto Alice olhava da praia.